

Sexualidade e as teorias de aprendizagem: Uma revisão das abordagens utilizadas no ensino de ciências

Sexuality and learning theories: A review of approaches used in science teaching

Sexualité et théories de l'apprentissage:
Une revue des approches utilisées dans l'enseignement des sciences

Arthur Sousa dos Santos^{[a]*}, Camila Maria Sitko^[a,b], José Sávio Bicho de Oliveira^[a] &
Normando José Queiroz Viana^[a]

^[a] Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, Marabá, Pará, Brasil.

^[b] Departamento de Física, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campo Mourão, Brasil.

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar pesquisas nacionais sobre a abordagem da sexualidade no Ensino de Ciências, identificando as teorias de aprendizagem subjacentes às estratégias pedagógicas e discutindo implicações para a prática docente. Realizou-se uma revisão sistemática de literatura na base de dados do Portal de Periódicos CAPES, utilizando os descritores “ensino de ciências”, “sexualidade” e “abordagens de ensino”. Foram selecionados artigos publicados entre 2019 e 2024, seguindo critérios de inclusão/exclusão pré-definidos. Quinze trabalhos compuseram o *corpus* de análise. Identificaram-se três eixos temáticos principais: influência dos materiais didáticos; impactos da LGBTfobia no ambiente escolar; e papel do currículo e da formação docente. As teorias de aprendizagem mais frequentes foram as humanistas, seguidas pelas cognitivistas e comportamentalistas. As teorias humanistas e cognitivistas mostram-se mais alinhadas à abordagem inclusiva da sexualidade, valorizando a subjetividade e o contexto sociocultural. Contudo, persistem desafios como a formação inadequada de professores/as, a influência de documentos curriculares restritivos e a LGBTfobia. Recomenda-se a elaboração de estratégias pedagógicas que integrem diversidade sexual e teorias de aprendizagem, visando uma educação científica mais crítica e inclusiva.

Palavras-chave: ensino de ciências, sexualidade, teorias de aprendizagem, formação docente

Abstract

This study aimed to analyze national research on the approach to sexuality in science education, identifying the learning theories underlying pedagogical strategies and discussing implications for teaching practice. A systematic literature review was conducted in the CAPES Journal Portal database, using the descriptors “science teaching,” “sexuality,” and “teaching approaches”. Articles published between 2019 and 2024 were selected, following predefined inclusion/exclusion criteria. Fifteen papers comprised the *corpus* of analysis. Three main thematic axes were identified: the influence of teaching materials; the impacts of LGBTphobia in the school environment; and the role of curriculum and teacher training. The most frequent learning theories were humanistic, followed by cognitivist and behaviourist.

* Correspondência: artvie075@gmail.com

Humanistic and cognitivist theories are more aligned with an inclusive approach to sexuality, valuing subjectivity and the sociocultural context. However, challenges persist, such as inadequate teacher training, the influence of restrictive curricular documents, and LGBTphobia. It is recommended that pedagogical strategies be developed that integrate sexual diversity and learning theories, aiming for a more critical and inclusive science education.

Keywords: science education, sexuality, learning theories, teacher training

Résumé

Cette étude visait à analyser la recherche nationale sur l'approche de la sexualité dans l'enseignement des sciences, à identifier les théories d'apprentissage qui sous-tendent les stratégies pédagogiques et à discuter de leurs implications pour les pratiques d'enseignement. Une revue systématique de la littérature a été réalisée dans la base de données du portail CAPES Journal, à l'aide des descripteurs "enseignement des sciences", "sexualité" et "approches pédagogiques". Les articles publiés entre 2019 et 2024 ont été sélectionnés selon des critères d'inclusion/exclusion prédéfinis. Quinze articles ont constitué le corpus d'analyse. Trois axes thématiques principaux ont été identifiés: l'influence du matériel pédagogique; les impacts de la LGBTphobie en milieu scolaire; et le rôle du programme scolaire et de la formation des enseignants. Les théories d'apprentissage les plus fréquentes étaient humanistes, suivies des théories cognitivistes et comportementalistes. Les théories humanistes et cognitivistes s'inscrivent davantage dans une approche inclusive de la sexualité, valorisant la subjectivité et le contexte socioculturel. Cependant, des difficultés persistent, telles que la formation inadéquate des enseignants, l'influence de documents pédagogiques restrictifs et la LGBTphobie. Il est recommandé de développer des stratégies pédagogiques intégrant la diversité sexuelle et les théories de l'apprentissage, visant une éducation scientifique plus critique et inclusive.

Mots-clés: enseignement des sciences, sexualité, théories de l'apprentissage, formation des enseignants

Introdução

As teorias de aprendizagem auxiliam o/a professor/a a entender como os/as alunos/as aprendem e como podem colaborar para um ensino que contemple cada um/a de seus/as alunos/as. Por exemplo, teorias como a da aprendizagem significativa de Carl Rogers foca na experiência subjetiva e na busca por autorrealização dos/as indivíduos/as, o que é crucial para a aprendizagem nos dias atuais, levando em consideração a diversidade de identidades presentes em sala de aula (Moreira, 1999).

As teorias de aprendizagem desempenham um papel crucial na Educação, pois ajudam a melhorar os processos de ensino e aprendizagem, oferecendo perspectivas diversas sobre como os indivíduos adquirem conhecimento. Enquanto as teorias comportamentais enfatizam o aprendizado como a formação de hábitos através de estímulos e respostas, as teorias cognitivistas focam nas estruturas mentais e processos que os/as alunos/as utilizam para construir seu conhecimento (Andrade et al., 2019).

Abordagens mais contemporâneas, como o construtivismo e a aprendizagem situada, destacam a importância do contexto social e cultural, sugerindo que o aprendizado é mais eficaz em ambientes colaborativos e autênticos. Essa diversidade de enfoques gera controvérsias entre as teorias, mas também enriquece a prática educacional ao oferecer aos/as educadores/as *insights* valiosos para atender às necessidades de seus/as alunos/as (Tunes et al., 2006).

As teorias de aprendizagem podem colaborar para um ensino inclusivo e que traga para os/as alunos/as a dimensão das particularidades envolvidas na realidade vivida, como é o caso das teorias construtivistas, que propõem que os/as aprendizes constroem seu próprio conhecimento através da experiência e que a

aprendizagem é um processo ativo e social. Piaget e Vygotsky são pensadores centrais das teorias construtivistas. A teoria de Piaget apresenta os principais processos cognitivos, os quais podem contribuir para a aprendizagem através do cognitivismo; já com Vygotsky, é enfatizada a importância da interação social e do contexto cultural para o desenvolvimento cognitivo (Moreira, 1999).

Essas teorias, tanto comportamentalistas quanto cognitivistas, manifestam-se de maneira significativa na educação, através das metodologias utilizadas, em alguns momentos aplicadas conjuntamente, em outros sustentadas por apenas uma delas. As abordagens comportamentalistas, também conhecidas como Behavioristas, defendem que a aprendizagem ocorre através de comportamento observável e na relação entre estímulos e respostas, onde a aprendizagem é vista como uma mudança no comportamento resultante de reforços ou punições, de modo a ser uma aprendizagem mecânica/automática (Andrade et al., 2019).

No estudo de Costa (2010), o autor discute como a aprendizagem mecânica influencia no Ensino de Ciências, o que ainda é muito presente na atualidade, com professores/as que ainda utilizam-se do ensino enciclopédico, conteudista, bancário e tecnicista, o que prejudica a Educação em Ciências, considerando que, em determinados contextos, pode haver a predominância de uma transmissão mais tradicional de informações pelo/a professor/a.

Dentre as diversas dificuldades no Ensino de Ciências, evidencia-se tanto as questões voltadas para a forma de abordagem, quanto os assuntos sensíveis que a rodeiam – como a temática sexualidade, assunto que precisa ser cuidadosamente analisado antes de ser abordado, levando em conta as problemáticas que a temática carrega, tais como *bullying*, homofobia, violências verbais, físicas e psicológicas. Todos esses fatores são reflexos sócio-culturais que perpassam da conjectura da sociedade para dentro das instituições escolares (Leite & Meirelles, 2021).

Evidenciando como essas temáticas são propostas a serem abordadas de forma superficial; tendenciando a que, quando forem mencionadas, o enfoque esteja baseado em conceitos biologicistas ou restrito a questões higienistas, como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e a gravidez na adolescência (Luft et al., 2022).

Nos estudos de Foucault (1977), é descrito como a sexualidade foi constituída no decorrer do processo de desenvolvimento da sociedade. Foucault debate sobre como a temática foi considerada um assunto profano por um grande período, profanidade esta que não podia ser debatida ou investigada, restringindo e limitando os grupos sociais que poderiam ter acesso ao dispositivo sexualidade e, como consequência, tornando-a proibida de ser abordada para crianças.

É interessante observar que, mesmo nos dias atuais, essa situação ainda persiste, vestígios sutis, porém, perceptíveis; essa restritividade é implementada nas escolas através de normas e diretrizes que são delimitadas pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Considerando que, em sua versão atual, por exemplo, foram removidos os termos “orientação sexual” e “identidade de gênero”, retornando assim para os aspectos biologicistas e limitando as abordagens para o Ensino de Ciências.

A verberação desses limites cristalizados em nossa sociedade é espelhada na normalização da exclusão de grupos sociais considerados anormais e, por consequência, na violência em massa sobre estes grupos.

Nos últimos anos, o índice de racismo, injúria racial e violência contra pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outras identidades relacionadas (LGBTQIAPN+) cresceu significativamente, como apontado nos dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024).

Assim, este estudo tem como objetivo verificar as pesquisas voltadas para Educação em Ciências que tratam assuntos direcionados à sexualidade e, partindo disto, averiguar o entrelace com as teorias de aprendizagem, visando assim compreender como e quais teorias de aprendizagem mais influenciam/aparecem no Ensino de Ciências associadas a essa temática, quais as tendências metodológicas utilizadas em sala de aula baseadas nessas teorias e inferir críticas e implicações do trabalho (ou do não trabalho) com o tema “sexualidade” na escola.

Metodologia

O presente trabalho consiste em uma revisão sistemática da literatura cujo objetivo é identificar, selecionar e analisar estudos sobre a temática investigada, evitando a repetição de dados já publicados e garantindo rigor metodológico (Brizola & Fantin, 2017). Assim, busca-se descrever e discutir a respeito dos conhecimentos já obtidos em pesquisas, verificando assim as principais problemáticas envolvidas na área desejada do estudo (Pádua, 2018).

Diante disso, esta pesquisa está delineada conforme os estudos de Sampaio e Mancini (2007) no que se refere ao modelo de Revisão Sistemática de Literatura (RSL), no qual são estabelecidas etapas a serem seguidas.

A primeira etapa da RSL foi a seleção dos filtros a serem utilizados na busca, estabelecendo assim a plataforma que serviria de base de dados. Em seguida, foi feita a escolha dos descritores, o período de publicação e, por fim, a nacionalidade das pesquisas.

Assim, os filtros selecionados foram o Periódico Capes como base de dados, devido a seu prestígio e grande significância em pesquisas acadêmicas. Como descritores, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “ensino de ciências”, “sexualidade” e “abordagens de ensino”, visando assim afunilar as pesquisas que estivessem alinhadas com a temática em questão. No que se refere ao período das publicações, foi delimitado o recorte temporal de 5 anos, com o intervalo de 2019 a 2024, a fim de se obter pesquisas voltadas para problemáticas atuais. Visando que os dados fossem equiparáveis, foi determinada a seleção exclusiva de pesquisas nacionais (Brasil).

A etapa seguinte foi o delineamento dos critérios de inclusão e exclusão, além dos filtros já elencados, de modo que apenas pesquisas que estivessem alinhadas com tais critérios fossem selecionadas para compor o *corpus* de análise.

Dos critérios de inclusão: materiais que fossem voltados para estudos que se concentram nas áreas de Ensino e de Educação e, se voltados para o ensino e/ou a educação, direcionados à temática da sexualidade, e, se voltados para a temática, que utilizassem abordagens pedagógicas, ou seja, que estivessem relacionados à escola.

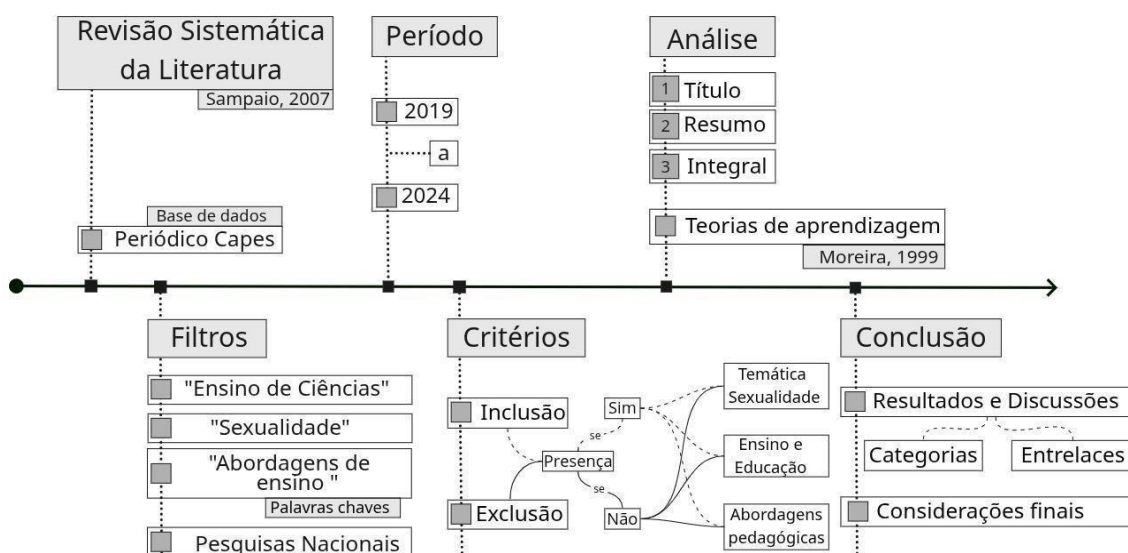
Conforme delimitados os filtros e critérios de inclusão e exclusão, em primeira instância, os trabalhos apresentados pela plataforma foram analisados primeiramente pelo título e depois pela verificação do resumo, para que assim fossem escolhidas apenas pesquisas que realmente estivessem em sintonia com o objetivo desta pesquisa para uma análise mais aprofundada.

Posteriormente, foram separados os artigos selecionados pelo título e/ou resumo e analisados por completo, pretendendo aferir quais de fato se alinhavam à finalidade da pesquisa, passando pelos mesmos critérios de inclusão e exclusão supracitados.

Em seguida, os trabalhos foram analisados à luz do livro *Teorias da Aprendizagem* (Moreira, 1999), com o intuito de averiguar se e quais eram as teorias presentes nos trabalhos selecionados, e assim relacionar com as abordagens desenvolvidas nestas pesquisas, buscando identificar e discutir quais eram as principais contribuições das teorias apresentadas para o Ensino de Ciências voltado para a temática sexualidade. A Figura 1 apresenta um fluxograma que descreve o procedimento metodológico mencionado.

FIGURA 1

Fluxograma que apresenta a linha do tempo metodológica da pesquisa



Resultados e discussões

Seguindo-se os passos supramencionados, obteve-se os seguintes resultados: no intervalo de 2019 a 2024, utilizando os descritores “ensino de ciências”, “sexualidade” e “abordagens de ensino”, foram encontradas 38 pesquisas nacionais na plataforma Portal de Periódicos da CAPES. Quando analisados pelos títulos e resumos, obteve-se um total de 24 artigos que apresentavam a temática desta pesquisa; contudo, um dos trabalhos aparecia em diferentes anos de publicação, sendo assim considerada apenas a pesquisa que foi publicada primeiramente, chegando-se ao total de 23 artigos selecionados, os quais foram analisados na íntegra. A Tabela 1 apresenta os dados aqui citados, nos quais os trabalhos selecionados estão listados ano a ano.

TABELA 1

Classificação dos artigos da plataforma Periódico Capes

Ano	Classificação			Total
	Seguem a temática	Não seguem a temática	Retrata em algum momento	
2019	2	5	1	8
2020	5	0	2	7
2021	5	2	1	8
2022	5	3	1	9
2023	3	0	0	3
2024	3	0	0	3
TOTAL	23	10	5	38

Dos 23 trabalhos inicialmente selecionados, apenas 15 atenderam integralmente aos critérios de inclusão, sendo considerados o *corpus* da pesquisa. O Quadro 1 lista o título e os/as autores/as dos estudos analisados.

QUADRO 1

Trabalhos selecionados

Título	Autores
Livro didático como artefato cultural: Possibilidades e limites para as abordagens das relações de gênero e sexualidade no ensino de ciências	Bandeira & Velozo, 2019
Sugestões para abordagem de temas relativos à sexualidade humana nos anos iniciais do ensino fundamental	Mesquita & Manfredo, 2019
Homofobia e escola: Uma revisão sistematizada da literatura	J. Santos & Cerqueira-Santos, 2020
“O preço do preconceito nos ‘couros’”: (Des)construções acerca da educação sexual na escola	Souza et al., 2021
Perspectivas curriculares sobre a temática gênero e sexualidade no ensino de ciências e biologia: Controvérsias no PCN e na BNCC?	Leite & Meirelles, 2021
A temática LGBTQ+ em uma escola pública de Viçosa, MG: Formação e atuação dos professores de ciências	Almeida Neto & Fernandez, 2021
Políticas educacionais e a formação docente: O que dizem os documentos oficiais brasileiros sobre diversidade e sexualidade?	Vitor et al., 2021
Documentos curriculares oficiais assegurando a abordagem de gênero e sexualidade para a educação básica: Um olhar para o ensino de ciências	N. Santos et al., 2021
Reflexões sobre saúde sexual e sexualidade: Abordagens práticas e a compreensão de professores do ensino fundamental II	Eliseu et al., 2022
Saúde e sexualidade: Abordagens contemporâneas no ensino	Luft et al., 2022
Elaboração de um jogo didático para o conteúdo sexualidade no ensino fundamental II	Faria et al., 2023
Reflexões sobre gênero e sexualidade a partir de dados do IBGE	V. Santos & Castro, 2023
Despatriarcalização do currículo e as abordagens de gêneros e sexualidades: Relato de experiência em um espaço educativo do Nordeste	Vasconcelos Neta & Guimarães, 2024
Avanço da agenda antitrans na educação	Gomes & Teixeira, 2024
Um estudo sobre imagens nos livros didáticos dos anos iniciais: A representação das diferenças	Rigo et al., 2024

Para discussão de análise, quando levamos em consideração a distribuição geográfica destes trabalhos, observou-se uma significativa aglomeração de publicações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Em contraste, as regiões Norte e Nordeste apresentaram apenas uma publicação cada.

Evidencia-se então a escassez de pesquisas voltadas para a temática em determinadas regiões brasileiras, como é o exemplo da região Centro-Oeste, que não apresentou nenhuma pesquisa com tais recortes. Alinhada a essa escassez, seguem as regiões Norte e Nordeste que, apesar de serem as maiores regiões brasileiras, apresentam pequenas quantidades de pesquisas voltadas para o eixo temático da sexualidade, apresentando assim a urgência de pesquisas que busquem compreender tais eventos nestas regiões. A distribuição de trabalhos por região está ilustrada na Tabela 2.

TABELA 2

Trabalhos por região

Região	Total
Norte	1
Nordeste	3
Sul	5
Sudeste	6
Centro-Oeste	0
TOTAL	15

Do cerne dos 15 estudos deste *corpus*, oito destes trabalhos obtêm cunho documental; os outros sete se tratam de pesquisas empíricas. As fontes dos dados das pesquisas são derivados: das pesquisas empíricas, os/as participantes variam entre alunos/as e professores/as; das oito pesquisas documentais, foram utilizados documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Currículos e uma revisão da literatura. No que se refere ao período das publicações, o ano de 2021 teve a maior quantidade de publicações, com um total de cinco.

Assim, os trabalhos estavam direcionados para três grandes evidentes problemáticas que atenuam a incorporação efetiva das abordagens sobre sexualidade no Ensino de Ciências, sendo elas: 1) A influência dos materiais didáticos em relação às abordagens sobre sexualidade; 2) Os precedentes dos preconceitos vivenciados pelos/as alunos/as LGBTQIAPN+; 3) Os documentos curriculares e as implicações envoltas na formação de professores/as, que são colocados/as em uma posição de relativa impotência frente às exigências impostas pelas diretrizes curriculares. O Quadro 2 apresenta os trabalhos associados a cada uma das categorias de problemáticas evidenciadas.

Categorias dos trabalhos

Categoria	Trabalhos
Materiais didáticos e as abordagens sobre sexualidade	Bandeira & Velozo, 2019 Mesquita & Manfredo, 2019 V. Santos & Castro, 2023 Faria et al., 2023 Rigo et al., 2024 Gomes & Teixeira, 2024
A LGBTfobia e seus precedentes	J. Santos & Cerqueira-Santos, 2020 Souza et al., 2021 Almeida Neto & Fernandez, 2021 Gomes & Teixeira, 2024
Currículo e formação de professores	Almeida Neto & Fernandez, 2021 Vitor et al., 2021 N. Santos et al., 2021 Eliseu et al., 2022 Luft et al., 2022 Vasconcelos Neta e Guimarães, 2024

Com base nas três problemáticas citadas, nos três subtópicos nos textos a seguir, são debatidas as possíveis influências das estratégias desenvolvidas nestas pesquisas, seguidas da análise da presença das teorias de aprendizagem e de como elas se relacionam às problemáticas mencionadas.

Materiais didáticos e as abordagens sobre sexualidade

Seis das pesquisas analisadas evidenciaram as influências dos materiais didáticos na efetiva aplicação de abordagens sobre sexualidade, como por exemplo, o Livro Didático (LD), que exige uma atenção do/a professor/a para a escolha do mesmo e também a forma como usá-lo, restringindo apenas o seu uso como aporte teórico e limitando assim as possíveis abordagens temáticas em sala de aula. Nas pesquisas, também foram identificadas a presença de sequências e jogos didáticos como facilitadores para o ensino sobre sexualidade.

Partindo do texto de Rigo et al. (2024), que tem como objetivo identificar a diversidade nas imagens de LDs, a maneira de implantação de mídias que de fato busquem a incorporação da diversidade por completo nos LDs, pode-se perceber que existe uma diversidade étnico-racial e biológica dentro dos LDs. Contudo, há uma defasagem quando se trata de questões voltadas para a sexualidade e religião.

O trabalho de Gomes e Teixeira (2024) nos permite refletir como as nuances dentro dos LDs são sutis e que, mesmo assim, causam grandes impactos, como a limitação da diversidade da sociedade, onde os livros são competentes para retratar as diferenças étnico-raciais e biológicas, contudo, não contemplam as diversidades sexuais e religiosas.

No trabalho de Bandeira e Velozo (2019), é destacado como o LD tem grande influência no ensino e nas metodologias utilizadas pelos/as professores/as, já que o livro pode ser interpretado como um manual de ensino. Contudo, o principal objetivo do livro como material didático é articular os temas com o seu/sua mediador/a, servindo como um orientador, e não como ditador nos assuntos a serem abordados em sala de aula. A autora e o autor agregam à discussão questões como a simplificação do Ensino de Ciências em conceitos biologicistas quando elencadas questões voltadas para a sexualidade, deixando de lado quaisquer aspectos envolvidos, como a contextualização social e cultural da temática.

As abordagens biologicistas pré-estabelecidas e que atualmente são vigentes no currículo de ciências naturais inclinam-se diretamente contra os aspectos sociais e culturais quando referidos às questões sexuais, já que tais conceitos limitam-se ao sexo e à reprodução e consideram os seres humanos como seres dióicos, e de fato são, contudo, tais adjetivos estendem-se para as questões socioculturais. Em síntese, não se deve equiparar termos e conhecimentos biológicos aos socioculturais, pois tais conhecimentos são evidentemente distintos e concebidos de maneiras diferentes.

Bandeira e Velozo (2019) ainda debatem sobre a indispensabilidade de se compreender o LD e sua influência sobre os/as alunos/as, de modo que estes instrumentos estão envolvidos em questões culturais e sociais. A autora e o autor evidenciam a necessidade de uma busca ao questionamento por parte dos/as professores/as no que se refere aos temas dispostos nos livros utilizados, pretendendo assim que suas abordagens não sejam restritas ao simples repasse de conhecimentos, e sim que o/a professor/a busque entender e se questionar a respeito de como as suas metodologias estão contribuindo para um ensino sobre sexualidade mais amplo e diversificado, livre de concepções biologicistas.

Tais evidências também são apontadas no texto de Mesquita e Manfredo (2019), que, em sua pesquisa, elaboram seis sequências didáticas que buscam atuar como facilitadoras para a abordagem sobre sexualidade no Ensino de Ciências. Os/As pesquisadores/as articulam as sequências partindo do entendimento de que a sexualidade humana é multifacetada e que não se limita a conceitos deterministas e biológicos. Seguindo estas percepções, a pesquisa propõe que os/as professores/as participantes produzam sequências didáticas que contribuam para tais aspectos.

Como resultado da pesquisa de Mesquita e Manfredo (2019), foram obtidas sequências didáticas que visavam trazer o questionamento dos/as professores/as sobre os assuntos e, assim, fazer com que eles/as se posicionassem diante de indagações sobre sexualidade, trazendo o foco das aulas para os/as alunos/as, assim auxiliando e desenvolvendo o seu senso crítico. O autor e a autora finalizam a análise discutindo que abordagens relacionadas à sexualidade, através de atividades práticas e reflexivas, quando efetivadas de modo assíduo, evidenciam a plena compreensão sobre si para os/as alunos/as, não delimitando a abordagem da temática da sexualidade aos aspectos genitais e/ou ao ato sexual.

A educação busca a formação integral da pessoa humana, preparando-a para o exercício da cidadania e para o mercado de trabalho, buscando o desenvolvimento de competências e o aprimoramento das suas potencialidades para atuar de forma autônoma e responsável na sociedade. Seguindo tais intuitos, de que maneira os indivíduos conseguirão as ditas habilidades se não estão incluídos nas abordagens de ensino, sendo categorizados por suas possíveis práticas sexuais impostas por seus genitais biológicos?

Isso também foi desenvolvido por V. Santos e Castro (2023), cujo trabalho tem como objetivo aplicar uma sequência didática, a qual está centrada em assuntos sobre sexualidade e gênero, no ensino de Matemática, utilizando dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a fim de articular de maneira interdisciplinar questões matemáticas, sexuais e de gênero. O assunto é visto pelos/as pesquisadores/as como um assunto pertinente a ser debatido em todas as disciplinas, pois instiga os/as alunos/as a pesquisarem sobre o tema, com o objetivo de construir um mundo diverso, justo, acolhedor e em constante evolução (J. Santos & Cerqueira-Santos, 2020).

No estudo realizado por Faria et al. (2023), é apresentado um jogo de tabuleiro que é sugerido ser utilizado como estratégia metodológica para se obter uma abordagem sobre sexualidade de maneira lúdica. Desse modo, através da imaginação dos/as jogadores/as participantes do jogo, o/a mediador/a busca instigar a quebra de tabus e preconceitos relacionados à sexualidade, que por muitas vezes ainda é considerada uma temática de difícil abordagem, como já mencionado anteriormente.

A proposta dos/as autores/as persiste em uma metodologia onde os/as alunos/as, ao decorrerem o jogo e conforme erram e acertam as questões, recebem um reforço negativo ou positivo. Como o intuito do jogo é chegar ao final, o reforço positivo o/a faz avançar, aproximando-o/a da vitória, e o negativo o/a faz retroceder no jogo, distanciando-o/a da vitória, baseando assim a estratégia a partir de um estímulo.

Logo, o texto de Faria e colaboradores (2023) apresenta as expectativas de que a abordagem utilizada através do jogo contribua tanto para um avanço do ensino sobre sexualidade, quanto para progressão social e formação pessoal dos/as alunos/as, e com isso sacie as dúvidas em relação à sexualidade de cada indivíduo/a presente na dinâmica, e que assim possam ter seus sentidos aflorados de forma lúdica e divertida.

Tecendo sobre as linhas da educação, faz-se evidente a busca dos/as alunos/as a assuntos determinados, quando são interessantes a eles/as. Os estudos de Souza et al. (2021) e de Almeida Neto e Fernandez (2021) trazem à tona na discussão educacional a invisibilidade de pessoas LGBT. Na pesquisa, é ressaltado que alguns/mas alunos/as tiram dúvidas sobre os assuntos apenas após a aula, constatando assim a existência da busca do tema para além das propostas pré-estabelecidas, sejam elas advindas dos documentos, do governo, da comunidade, da escola ou até mesmo do/a professor/a.

Deste modo, mostra-se como existem restrições para abordar os assuntos emaranhados à sexualidade e que é objeto de interesse dos/as alunos/as. Logo, é evidente a busca por alternativas que contemplem ambas as situações, sejam elas referentes a questões voltadas a materiais didáticos ou abordagens metodológicas a serem ajustadas para apreciarem a curiosidade advinda dos/as alunos/as.

A LGBTfobia e seus precedentes

Um dos debates elencados no corpo dos estudos analisados é a *LGBTfobia* (aversão a pessoas LGBTQIPN+, baseada na orientação sexual, identidade ou expressão de gênero), que é apresentada como uma limitadora no que se refere à aplicação de abordagens que tratam assuntos direcionados à sexualidade, evidenciando assim a necessidade de se combater esta problemática, uma vez que tal manifestação de

preconceito pode ocasionar casos de discriminação, hostilidade ou violência física, psicológica ou emocional contra pessoas da comunidade LGBTQIAPN+.

Principiando na pesquisa de Souza et al. (2021), é destacado como a sexualidade ainda é alvo de preconceitos e violências que ocorrem dentro da escola, levando em consideração que por muitas vezes a temática pode ser considerada e aplicada a partir de um viés biológico, ou seja, algo assertivo. Os/as autores/as debatem como os artefatos culturais como músicas, vídeos, poemas, entre outros, espelham e influenciam diretamente nas concepções de alunos/as e professores/as, o que por muitas vezes pode tender as práticas LGBTfóbicas.

Tal discussão também é elencada no texto de Gomes e Teixeira (2024), o qual tem como enfoque a busca das concepções e abordagens sobre corpos Transsexuais (T) quando relacionados ao parlamento brasileiro e de que maneira tais circunstâncias afetam a Educação nacional. O trabalho de Gomes e Teixeira nos faz compreender as reverberações dos avanços da onda de conservadorismo que ganhou força durante o governo Bolsonaro, ocasionando atrasos nas buscas por igualdade para pessoas T, revelando assim as articulações que tentam enraizar ainda mais a cisheteronormatividade dentro da sociedade.

Gomes e Teixeira (2024) também ressaltam o enfoque nas intersecções entre a busca pela inclusão de pessoas T nas escolas e os vieses conservadoristas que predominam e, através da LGBTfobia, impedem a implementação de corpos Trans dentro da escola, e, por conseguinte, em toda a sociedade.

No estudo de Souza et al. (2021), é apresentado como algumas concepções cisheteronormativas estão presentes na construção educacional dos/as alunos/as, o modo como alguns recortes de produções culturais, como por exemplo a música, apresentavam reverberações homofóbicas que os/as alunos/as retêm como verdade, assim como também apresentam alunos/as que não concordam com tais ideologias implementadas através dos artefatos culturais que são visualizados e presenciados por eles/as.

Desencadeando tais questões, o trabalho de Souza et al. (2021) dialoga com o de Almeida Neto e Fernandez (2021), uma vez que em ambos os textos os/as autores/as explanam sobre a necessidade de uma formação contínua de professores/as voltada para a sexualidade. Os textos ainda evidenciam que a temática é de interesse dos/as alunos/as.

Em decorrência disso, é ressaltada a necessidade da busca pela diversidade de estratégias metodológicas que alcancem a pluralidade de identidades presentes dentro e fora do corpo estudantil, para que os saberes que perpassam os conceitos conteudísticos e biologicistas dos currículos vigentes sejam suprimidos do Ensino de Ciências em relação às abordagens direcionadas à sexualidade, visando assim uma incorporação de abordagens que se preocupem com as identidades presentes na comunidade estudantil.

No trabalho de revisão de J. Santos e Cerqueira-Santos (2020) é ressaltado que a incorporação de abordagens voltadas para a sexualidade diminui os índices de LGBTfobia dentro das escolas. Os autores debatem na íntegra sobre a homofobia no contexto escolar e como, de certo modo, os materiais didáticos influenciam em discursos tendenciosos a práticas LGBTfóbicas.

Os pesquisadores ainda destacam que, nas pesquisas analisadas, observou-se a falta de atenção dos agentes escolares e, em alguns momentos, os mesmos reproduziam expressões homofóbicas, pois não conseguiam

mensurar a criticidade presente nas discriminações presenciadas, o que, para outros/as participantes, se justificava pela falta de aportes voltados para a Educação Sexual e a diversidade sexual nas formações docentes.

As pesquisas supracitadas apresentam uma urgência na Educação: a formação continuada de professores/as em Educação Sexual voltada para a sexualidade, de modo que, se os/as docentes propagam, intencionalmente ou não, discursos que tendenciam para a LGBTfobia, tais concepções podem ser introduzidas nas ideologias dos/as alunos/as.

A sociedade, em toda sua pluralidade organizacional, retém uma gama de indivíduos e de personalidades, moldadas por diversos fatores, sejam elas referentes à etnia, raça, cor, cultura, ambiente, questões econômicas, gênero, sexualidade e diversos outros fatores que compõem um indivíduo. Desde modo, é clara a necessidade da busca por soluções que abrangem e acolhem todos os indivíduos sem restringir a individualidade de classes marginalizadas pelo sistema organizacional imposto.

Currículo e formação de professores

Dos trabalhos analisados nesta pesquisa, parte deles versa sobre as disparidades que precisam ser enfrentadas quando se fala de currículo e formação de professores/as, no momento em que tais pontos estão diretamente ligados às conjecturas governamentais – envergaduras estas que se limitam a concepções cisheteronormativas instauradas patriarcalmente –, as quais dificultam possíveis avanços na inclusão da temática.

Em sua pesquisa, Vasconcelos Neta e Guimarães (2024) colocam em evidência a grande relevância que a politicagem tem sobre as abordagens de ensino, e como existe uma coação quando se busca agregar assuntos que destoam da grande bolha patriarcal.

Os trabalhos de Vasconcelos Neta e Guimarães (2024) e de Gomes e Teixeira (2024) comunicam-se quando se trata das restrições implementadas pelo tradicionalismo patriarcal, como tal conjectura vem sendo excludente e como tais movimentos fomentam a formação dos profissionais; por conseguinte, a defasagem da Educação, levando em consideração a ilegitimidade da existência das sexualidades que fogem das cisheteronormativas.

Dessa forma, as pesquisas de Vasconcelos Neta e Guimarães (2024) e de Gomes e Teixeira (2024) colocam em evidência a emergente necessidade de uma despatriarcalização tanto dos currículos da Educação quanto das formações de professores/as, visando um ensino que busque a equidade e o respeito às diversidades presentes em nossa sociedade.

Na pesquisa de Almeida Neto e Fernandez (2021), os/as autores/as apresentam a existência de oito tipos de Educação Sexual, que são: biológico-higienista, moral-tradicionista, terapêutica, religiosa-radical, dos direitos humanos, dos direitos sexuais, emancipatória e *queer*. Iniciam assim a diversificação dos caminhos metodológicos que os/as professores/as podem percorrer. O que, em contraposto, apresenta que o currículo de formação geralmente é direcionado às temáticas reprodução e saúde, enfatizando os conceitos biológico-higienistas.

Essa questão é colocada em debate na pesquisa de Eliseu et al. (2022), que trazem a discussão de como os/as professores/as participantes das pesquisas destacam que os currículos de seus cursos de formação influenciaram

diretamente as suas metodologias, pois alguns demonstram não se sentirem preparados/as para ministrar tais conteúdos. As duas pesquisas sublinham a manifestação de interesse por parte dos/as participantes em discorrer e entender melhor sobre a temática e como aplicá-la e incorporá-la em seus planos de ensino.

As políticas públicas e educacionais são debatidas nos textos como grandes artifícios que contribuem para uma melhoria na qualidade do ensino quando se refere a questões voltadas à sexualidade. Nos textos de Vitor et al. (2021) e de N. Santos et al. (2021), são apresentados aportes documentais nacionais, como a Lei de Diretrizes e Base da Educação Básica (LDB), Plano Nacional de Educação (PNE), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCN), BNCC e PCNs. Os/As autores/as evidenciam que estes documentos garantem que na formação dos/as profissionais da Educação haja a inclusão de assuntos transversais (como, por exemplo, sexualidade) e políticas de combate à violência na escola.

Contraposto aos documentos citados, Vitor et al. (2021) debatem sobre o posicionamento das instituições formadoras acerca da existência de temáticas voltadas para a sexualidade na formação dos/as professores/as e a incorporação dos assuntos nos planos de ensino. Os/As autores/as ainda fazem uma ressalva relacionada a como estes temas perpassam os currículos como temas não obrigatórios, de modo que fica a encargo dos critérios das instituições formadoras incorporar ou não estes assuntos nos currículos dos cursos de formação.

Já na pesquisa de N. Santos et al. (2021), são evidenciadas as contradições aparentes da BNCC, levando em consideração que, ao mesmo tempo em que visa atender às desigualdades dos/as estudantes, buscando contemplar suas singularidades, o documento também apresenta retrocessos; em sua última atualização – vigente – os termos “orientação sexual” e “identidade de gênero” foram removidos. Desse modo, fica notório o retrocesso na inclusão da temática devido à descontinuidade dos documentos anteriores em relação à BNCC (Brasil, 2018).

A BNCC também é criticada no trabalho de Luft et al. (2022), que mostra como a temática da sexualidade é tratada de maneira superficial e direcionada apenas para conceitos biológicos e na prevenção de doenças e gravidez, enfatizando assim o encargo que cai sobre os/as professores/as de elaborarem suas propostas didáticas, de modo que a BNCC é obrigatória, contudo, o/a professor/a age como mediador/a dos assuntos ministrados. Incumbe-se assim aos/as professores/as que compreendam e estudem os currículos de sua região, de modo que busquem adaptá-los, para que possam abordar os temas que não são implicitamente sugeridos pela BNCC.

Faz-se então necessária a atenção para quem aplica tais conteúdos, o/a professor/a, se e como aborda tais questões, se é capacitado/a para aplicá-los e como se sente em relação a possíveis constrangimentos sobre as temáticas. Desse modo, evidencia-se a necessidade de formação adequada para os/as professores/as, seja por parte do currículo da graduação que englobe assuntos voltados para a educação sexual dos/as alunos ou por uma formação continuada que vise acompanhar as evoluções do dispositivo sexualidade dentro da sociedade.

Destarte, evidencia-se um paradoxo: em um mecanismo repleto de engrenagens defeituosas que progressivamente se desgastam e deixam de sustentar suas próprias configurações, exaurindo, assim, todo

o dispositivo social ao seu redor. Tal realidade se manifesta tanto nas diretrizes oficiais que determinam os conteúdos a serem trabalhados pelos/as professores/as quanto nas práticas de inconstitucionalidade enraizadas em nossa sociedade, as quais perpetuam preconceitos e marginalizam indivíduos que não se enquadram nos padrões preestabelecidos pelas organizações socioculturais.

Os entrelaces com as teorias de aprendizagem

As teorias de aprendizagem funcionam como guias para os caminhos do aprendizado dos/as alunos/as, auxiliando quem ensina, a fim de entender as principais origens de como se aprende e como são desenvolvidas as formas de ensinar através de abordagens pedagógicas, fundamentadas nas teorias de aprendizagem. Deste modo, as teorias de aprendizagem são modelos teóricos de trilhas que são percorridas no processo de aprendizagem, relacionadas com as estratégias pedagógicas (Peres et al., 2014).

As teorias de aprendizagem podem ser categorizadas como: behaviorista ou comportamentalista, humanista e cognitivista, de modo que defendem uma sistematização da aprendizagem; simplificadamente, as teorias tentam explicar o que é aprendizagem, por que funciona e como funciona (Moreira, 1999).

Dos textos selecionados e analisados nesta pesquisa, pôde-se perceber algumas associações diretas e indiretas quanto às teorias de aprendizagem, seja pelos vieses utilizados nas pesquisas, ou até mesmo pelas referências utilizadas em seu corpo textual. Desse modo, após analisados e divididos em categorias, os trabalhos foram subdivididos em subcategorias, visando elencar as principais evidências das teorias em cada pesquisa. O Quadro 3 apresenta as relações entre as teorias e os 15 trabalhos que compõem esta pesquisa.

QUADRO 3	
Os entrelaces com as teorias de aprendizagem	
Teorias associadas	Trabalhos
Comportamentalistas	Faria et al., 2023
Humanistas	Bandeira & Velozo, 2019
	Mesquita & Manfredo, 2019
	J. Santos & Cerqueira-Santos, 2020
	Souza et al., 2021
	N. Santos et al., 2021
	Almeida Neto & Fernandez, 2021
	Eliseu et al., 2022
	Luft et al., 2022
	V. Santos & Castro, 2023
	Rigo et al., 2024
	Gomes & Teixeira, 2024
Cognitivistas	Almeida Neto & Fernandez, 2021
	Vitor et al., 2021
	N. Santos et al., 2021
	Eliseu et al., 2022
	Luft et al., 2022
	Vasconcelos Neta e Guimarães, 2024

As teorias comportamentalistas, ou também chamadas de behavioristas (do inglês “*behavior*”) são baseadas nos comportamentos observáveis e mensuráveis do sujeito que aprende, e também na resposta que é obtida após o comportamento, tendo como base o conceito de que “o comportamento é controlado pelas consequências”, diretamente o estímulo/resposta. De modo que, se os eventos que ocorrem antes do comportamento forem manipulados com um estímulo agradável, serão obtidas respostas agradáveis (Moreira, 1999).

Na presente revisão, foi possível notar uma referência direta às teorias de aprendizagem em um dos trabalhos. Em seu texto, Faria et al. (2023) utiliza Skinner (um dos principais autores das teorias comportamentalistas) como referencial para utilizar a metodologia de estímulo e resposta com base no comportamento, o que funciona como um incentivador em seu jogo.

Já as teorias cognitivistas levam em consideração a cognição do sujeito, como pensa e como sente. Assim, o cognitivismo baseia-se na atribuição de significados, na compreensão, transformação, em como é armazenada e utilizada a informação ligada à cognição (Moreira, 1999).

Pesquisas como as de Almeida Neto e Fernandez (2021), Eliseu et al. (2022), N. Santos et al. (2021), Luft et al. (2022), Vasconcelos Neta e Guimarães (2024) e Vitor et al. (2021), que têm como foco o currículo de ciências, logo, centradas no saber, apresentam que algumas das dificuldades no desenvolvimento da temática da sexualidade são diretamente ligadas ao ensino, o que está relacionado com as teorias cognitivas, que indicam no modelo de aprendizagem os processos de como o ser humano aprende, generalizando assim todos/as os/as aprendizes, sem levar em consideração as subjetividades destes/as.

Também foi possível notar, nessas pesquisas, questões direcionadas para o/a professor/a e como os assuntos são apresentados por estes/as, o que se alinha com as teorias cognitivistas, que, em algumas vertentes, visam contribuir para o ensino de modo cognitivo: se o/a professor/a sabe ensinar, o/a aluno/a irá aprender, como uma troca de conhecimento.

Apesar das pesquisas estarem direcionadas aos currículos, os/as pesquisadores/as também ressaltam que o/a professor/a precisa entender o currículo como um aporte e que precisa manuseá-lo com cautela para aplicar os assuntos, levando em consideração as subjetividades presentes em sala de aula.

Outro aspecto a ser salientado foi a busca dos conhecimentos prévios dos/as alunos/as sobre a temática da sexualidade, presente na pesquisa de Souza et al. (2021) que, através da apresentação de artefatos culturais, identificam tais conhecimentos. Deste modo, conseguimos identificar a clara semelhança com as estratégias das teorias cognitivistas.

Já nas teorias humanistas é considerado o sujeito, seus sentimentos e ações, de modo que não é visado o aumento de conhecimento e sim a autorrealização do/a aprendiz. Assim sendo, para o humanismo não é importante acentuar o comportamento ou a cognição sem acatar o domínio afetivo, pois o sujeito que aprende é uma pessoa que pensa, sente e faz coisas. Desse modo, o humanismo visa o “ensino focado no/a aluno/a” (Moreira, 1999).

As teorias humanistas são evidentes na maioria das pesquisas analisadas, como as de Almeida Neto e Fernandez (2021), Bandeira e Velozo (2019), V. Santos e Castro (2023), Eliseu et al. (2022), Gomes e

Teixeira (2024), Luft et al. (2022), Mesquita e Manfredo (2019), Rigo et al. (2024), J. Santos e Cerqueira-Santos (2020), N. Santos et al. (2021) e Souza et al. (2021). Nessas pesquisas, compreendemos que seu foco estava voltado para os/as estudantes, preocupando-se com as subjetividades, mostrando assim que as abordagens sobre sexualidade precisam que seu objetivo esteja centrado em quem aprende, seja através da forma que o/a professor/a ensina, até as imagens que são transmitidas em livros. Em seus textos, os/as autores/as deixam clara a necessidade de se entender o/a aluno/a e quem é o/a aluno/a, sempre ressaltando questões socioculturais, pontos específicos das teorias humanistas.

É essencial que a Educação se preocupe com os aspectos sociais, culturais e pessoais dos/as alunos/as, pois não é possível separar o sujeito que aprende do sujeito que sente, que sente agressões, preconceitos, dúvidas, medos. Nesse sentido, uma educação que trabalhe a sexualidade para além do caráter biologicista pode ser capaz de formar professores/as capazes de replicá-la e problematizar tais questões em sala de aula e, assim, em efeito cascata, poderá formar cidadãos/ãs críticos/as que atuam conscientemente na sociedade, baseados na ciência, no respeito pelo próximo e na diversidade, levando ao desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária e, talvez poderíamos dizer, em paz.

Considerações finais

As abordagens voltadas para a sexualidade são notavelmente um assunto com diversas dificuldades a serem enfrentadas. A partir delas, há a necessidade de: formação de professores/as adequada, elaboração de estratégias didáticas, currículos que incorporem explicitamente os assuntos, reformulação de partes de documentos nacionais norteadores e a superação da LGBTfobia presente em nossa sociedade.

Desse modo, nas análises das pesquisas selecionadas, foi possível averiguar o entrelaçamento entre as abordagens sobre sexualidade no Ensino de Ciências e as teorias de aprendizagem. Foi possível identificar a presença das três categorias das teorias: humanistas, cognitivistas e comportamentalistas, onde foram identificados 11 trabalhos que utilizavam estratégias humanistas, seis cognitivistas e apenas um comportamentalista. Conforme analisado, pode-se notar que todas as teorias de aprendizagem podem contribuir de algum modo para abordagens de ensino sobre sexualidade. Contudo, pode-se perceber uma forte influência dos conceitos das teorias humanistas na maioria das pesquisas, em algumas mais evidentemente.

Assim, destacamos os conceitos das teorias humanistas e cognitivistas, que se mostram necessários quando são abordados assuntos que envolvem as subjetividades dos/as aprendizes, logo, necessitam de estratégias de ensino e aprendizagem, características presentes nas teorias humanistas e cognitivistas, respectivamente.

Esta pesquisa destaca a necessidade de uma maior atenção às abordagens de ensino sobre sexualidade, tanto por parte dos/as professores/as quanto das instituições de ensino e dos/as formadores/as. Deixamos então aqui indicações para pesquisas futuras que pretendam buscar o aperfeiçoamento e inclusão das abordagens sobre a temática da sexualidade. Como já mencionado anteriormente, com documentos educacionais orientadores críticos, com formação de professores/as para a diversidade, a formação dos/as

estudantes de Educação Básica tem o potencial de formar cidadãos/ãs críticos/as, de forma a respeitarem a diversidade, tomarem decisões conscientes sobre seu entorno e viverem em paz. Ou seja, a educação, nesse sentido, tem o potencial de transformar toda uma sociedade, minimizando a desinformação, a violência e o preconceito a respeito da sexualidade e das diversidades presentes.

Agradecimentos: Agradecemos à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA, ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ensino de Ciências e Matemática - PPGECM, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo apoio foi essencial para a realização deste trabalho.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

- Almeida Neto, Joel, & Fernandez, Thais C. (2021). A temática LGBTQ+ em uma escola pública de Viçosa, MG: Formação e atuação dos professores de ciências. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, 14(1), 114–134. <https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.568>
- Andrade, Daniel S., Neto, Antônio P., Oliveira, Cristiane A., & Brito, Josilene A. (2019). Comportamentalismo, cognitivismo e humanismo: Uma revisão de literatura. *Revista Semiárido de Visu*, 7(2), 222–241. <https://doi.org/10.31416/rsdv.v7i2.95>
- Bandeira, Andreia, & Velozo, Emerson L. (2019). Livro didático como artefato cultural: Possibilidades e limites para as abordagens das relações de gênero e sexualidade no ensino de ciências. *Ciência & Educação*, 25(4), 1019–1033. <https://doi.org/10.1590/1516-731320190040011>
- Brasil, Ministério da Educação. (2018). *Base nacional comum curricular*. basenacionalcomum.mec.gov.br
- Brizola, Jairo, & Fantin, Nádia (2017). Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. *Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA*, 3(2) 23–39. <https://doi.org/10.30681/relva.v3i2.1738>
- Costa, Ronaldo A. (2010). Os saberes populares da etnociência no ensino das ciências naturais: Uma proposta didática para aprendizagem significativa. *Revista Didática Sistemática*, 8, 162–172. <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1303>
- Eliseu, Murilo M., Yared, Yalin B., & Mendes, Patrícia P. (2022). Reflexões sobre saúde sexual e sexualidade: Abordagens práticas e a compreensão de professores do ensino fundamental II. *Horizontes*, 40(1), e022025. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v40i1.1319>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2024). 18.º Anuário brasileiro de segurança pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>
- Gomes, Sara, & Teixeira, Pedro (2024). Avanço da agenda antitrans na educação: Atuação de novos/as conservadores/as na Câmara dos Deputados. *Retratos da Escola*, 18(42), 959–978. <https://doi.org/10.22420/rde.v18i42.2244>
- Leite, Vinicius M., & Meirelles, Rosane S. (2021). Perspectivas curriculares sobre a temática gênero e sexualidade no ensino de ciências e biologia: Controvérsias no PCN e na BNCC? *Revista Teias*, 22, 28–47. <https://doi.org/10.12957/teias.2021.61586>

- Luft, Heidi M., Rigo, Neusete M., & Valli, Manuela D. (2022). Saúde e sexualidade: Abordagens contemporâneas no ensino. *Revista Contexto & Saúde*, 22(46), e13316. <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2022.46.13316>
- Mesquita, Adriano S., & Manfredo, Elizabeth G. (2019). Sugestões para abordagem de temas relativos à Sexualidade Humana nos anos iniciais do ensino fundamental. *Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico*, 5(10), 18–38. <https://doi.org/10.31417/educitec.v5i10.390>
- Moreira, Marcos A. (1999). *Teorias de aprendizagem*. EPU.
- Pádua, Elisabete M. (2018). *Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática*. Papirus.
- Peres, Cristiane M., Vieira, Marta M., Altafim, Elisa P., Mello, Michela B., & Suen, Kemen S. (2014). Abordagens pedagógicas e sua relação com as teorias de aprendizagem. *Medicina*, 47(3), 249–255. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v47i3p249-255>
- Rigo, Neusete M., Luft, Heidi M., & Silva, Deise Á. (2024). Um estudo sobre imagens nos livros didáticos dos anos iniciais: A representação das diferenças. *Educação*, 49(1), e7/1–29. <https://doi.org/10.5902/1984644470374>
- Faria, Igor R., Fader, Isabela, Pezzonia, José, & Cortez, Raquel (2023). Elaboração de um jogo didático para o conteúdo sexualidade no ensino fundamental II. *Revista Ensaios Pioneiros*, 6(1). <https://doi.org/10.24933/rep.v6i1.239>
- Foucault, Michel (1977). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (M.T. C. Albuquerque & J. A G. Albuquerque, Trans.). Graal.
- Sampaio, Roberto, & Mancini, Marisa C. (2007). Estudos de revisão sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 11(1), 83–89. <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>
- Santos, Jean J., & Cerqueira-Santos, Elder (2020). Homofobia e escola: Uma revisão sistematizada da literatura. *Revista Subjetividades*, 20 (Esp1). <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iEsp1.e8734>
- Santos, Nathany L., Pereira, Sara, & Soares, Zilene P. (2021). Documentos curriculares oficiais assegurando a abordagem de gênero e sexualidade para a educação básica: Um olhar para o ensino de ciências. *Anais do V Simpósio Gêneros e Políticas Públicas*, 5(1), 1170–1184. <https://doi.org/10.5433/SGPP.2018v5.p1170>
- Santos, Vitor Hugo M., & Castro, Anna Luisa (2023). Reflexões sobre gênero e sexualidade a partir de dados do IBGE. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, 16(9), 16965–16984. <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.9-187>
- Souza, Elaine J., Silva, Elânia F., Sousa, José Felipe A., & Rocha, Eugêrbia P. (2021). “O preço do preconceito nos ‘couros’”: (Des)construções acerca da educação sexual na escola. *Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura*, 4(1), 1–21. <https://doi.org/10.5965/259464124120201>
- Tunes, Elisabeth, Tacca, Maria Carmen, & Martinez, Albertina (2006). Uma crítica às teorias clássicas da aprendizagem e à sua expressão no campo educativo. *Linhas Críticas*, 12(22), 109–130. <https://doi.org/10.26512/lc.v12i22.3285>

- Vasconcelos Neta, Stelina M., & Guimarães, Ana Paula M. (2024). Despatriarcalização do currículo e as abordagens de gêneros e sexualidades: Relato de experiência em um espaço educativo do Nordeste. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 17, 1–21. <https://doi.org/10.22409/resa2024.v17.a57117>
- Vitor, Matheus R., Maistro, Virgínia L. A., & Tsuzuki, Felipe (2021). Políticas educacionais e a formação docente: O que dizem os documentos oficiais brasileiros sobre diversidade e sexualidade? *Ensino & Pesquisa*, 19(2), 93–112. <https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.2.93-112>